

O TERCEIRO SÉCULO E O CULTIVO DA PAZ

Prof. Dr. Pe. Vital Corbellini
PUCRS

Introdução

Esse período é muito importante para merecer análise, seja na história da Igreja Antiga, seja na Patrologia e Patrística. O Império romano tinha atravessado a sua época de ouro na administração das coisas públicas, devido à notoriedade de seus governantes¹. Estava iniciando um período de crises, de golpes militares, fatores que possibilitarão o enfraquecimento interno do Império e a entrada pouco a pouco dos invasores, sobretudo os povos germânicos. Nesse tempo, o cristianismo já tinha atingido as fronteiras, não só no Ocidente, mas também no Oriente; ele estava penetrando a Armênia, o Norte Africano, o Império persa. Se a religião cristã pôde espalhar-se rapidamente, em todo o Império, a Igreja, no entanto, sofreu perseguições. Esse período engloba a elaboração da Teologia, Cristologia, pelo menos em seus fundamentos, com a atuação de Tertuliano, Orígenes². Nós pretendemos realizar um aprofundamento histórico-patrístico e, ao mesmo tempo, dar uma visão da forma como aconteceu o cultivo

¹ O século segundo foi marcado por Imperadores com forte relação popular, tais como Trajano, Adriano, Antonino Pio, Marco Aurélio e Cômodo.

² GRILLMEIER A. Gesù *il Cristo nella fede della Chiesa*, I Brescia, 1982, p. 290.

da paz, alternada por perseguições sempre mais fortes à Igreja e ao povo seguidor do Senhor.

1 O Império romano e os cristãos

O século III se diferencia do século II por ter imperadores-soldados indicados pelo exército. Abandonou-se a tradição do Senado e dos pretorianos de indicar os candidatos e com o voto do povo. Tudo é realizado dentro do contexto militar. No final do II século, e início do III, assumiu Septímio Severo, general africano, começando, dessa forma, a militarização do Império³. Grimberg fala de anarquia militar pelo menos por um século de existência, que vai do final do século II até ao final do século III⁴. Contínuos serão os golpes militares com assassinatos de seus líderes por soldados ou no conjunto das tropas, em vista da eleição de soldados ou generais com vontade de assumir o poder. O poder era visado pelos pretendentes; tornar-se o imperador de um Império imenso, o romano, abrangendo as dimensões do Oriente e do Ocidente e Norte Africano era algo extraordinário para ter um nome na história.

Esse século será marcado também pelas perseguições em relação aos cristãos. Se estas colocavam a comunidade na desordem e na insegurança, porque os cristãos não possuíam a liberdade de culto e da profissão de fé em Cristo Jesus, no entanto era reforçada sempre mais a sua organização interna. A situação de perseguição era ocasião para aprofundar-se na fé, de modo que a desordem era uma passagem para uma nova retomada no tempo sucessivo. Assim, a paz será alternada pelas perseguições e pela tolerância e a preparação à seguinte ação persecutória. A análise

³ PIERINI F. *A Idade Antiga, Curso de História da Igreja I*. São Paulo, 1998, p. 82.

⁴ C. GRIMBERS, C. *História Universal, o Império romano e a sua época*, Publicações Europa-América, Lisboa 1966, 159.

de alguns fatores sociais e eclesiais mostra o comportamento dos cristãos frente ao poder e o seu poder de organização.

No início do III século, uma perseguição contra os cristãos teria acontecido sob Septímio Severo(193-211)⁵. Ela não aconteceu de uma forma contínua, havendo alguns intervalos de paz e sucessivamente ela retornava. Tal perseguição tinha como fim acabar com a propaganda cristã, o proselitismo, isto é, as conversões que ocorriam por causa do catecumenato. A Escola de Alexandria foi atingida com a morte de catecúmenos. Clemente de Alexandria teve que fugir por causa da perseguição na Capadócia, sem nunca mais poder retornar àquele lugar. Leônidas, pai de Orígenes, foi martirizado⁶.

Certamente tal ação contra os cristãos não era almejada pelo Imperador, porque alguns autores cristãos defenderam Septímio Severo, sendo ele incapaz de realizar tal violência⁷. Tertuliano diz que Severo estava ciente de que homens e mulheres da alta aristocracia aderiam ao cristianismo; ele tinha grande estima por essas pessoas. Quando a multidão se atirou contra os cristãos, ele se opôs publicamente⁸. Por certo, esse imperador percebera que os cristãos não eram inimigos do Estado e de suas autoridades. Tertuliano afirmava que estes procuravam não fazer alguma distinção entre as pessoas, mas para com todos procuravam realizar o bem, não esperando recompensas ou louvores dos homens, mas esperando o prêmio que vem de Deus, que julga e remunera a quem cumpre obras boas com um forte ânimo⁹. Dessa forma, a iniciativa recaiu sobre os governadores, magistrados

⁵ Cf. Eusébio de Cesaréia, *História Eclesiástica*, VI,1. São Paulo, 2000.

⁶ Cf.QUASTEN, J. *Patrologia I, I primi due secoli* (II-III), Assisi(Pg), 1992, 287; 314.

⁷ Cf. Hip. Ad Daniel III,31,2.

⁸ Cf. TERTULLIANO, *A Scapula*, IV,6, Introduzione, traduzione e note di P.A. Gramaglia. Roma, 1980.

⁹ Cf. TERTULLIANO, *Apologetico*, 36,3, a cura di A.R. BARRILE. Bologna, 1992.

e as multidões judaica e pagã, sempre prontos a perseguir os cristãos, com a acusação de serem inimigos das pessoas e do Estado. A tolerância continuou sob a dinastia dos Severos, com Eliogabalo e com Severo Alexandre. A própria HA reconhece que o último dos Severos foi um fiel restaurador, protetor dos cristãos e dos hebreus. Ele tentou introduzir no Império um culto ao *Summus Deus*, uma nova verdade espiritual. Todos os povos, pagãos, judeus ou cristãos, deveriam se reconhecer nessa divindade. Tudo isso representou o ponto mais alto e o ponto mais importante do sincretismo severiano¹⁰. Alexandre, como dizem os historiadores, desejava dar ao cristianismo um reconhecimento oficial, que teria tirado definitivamente o fundamento jurídico às perseguições; no entanto, tal reconhecimento foi impedido pela classe senatorial, em grande parte pagã e conservadora, sob o plano religioso.

Logo em seguida subiu ao trono Máximo Trace; com ele tivemos uma perseguição contra os cristãos, como narra Eusébio de Cesaréia¹¹. O motivo surgiu, porque a casa de Alexandre era constituída, na sua grande maioria, de fiéis cristãos; dessa forma, ele mandou matar exclusivamente os chefes da Igreja enquanto promotores do ensino do Evangelho. No entanto, ele passou de uma forma rápida; o seu governo durou apenas três anos. Houve, depois dele, alguns anos de paz, com a presença de um imperador, que simpatizava com os cristãos. Orígenes frisou essa tolerância, e tal comportamento tolerante se refletia nas comunidades, porque os cristãos gozavam de segurança¹². Diz-se que ele estava ligado ao cristianismo; em Antioquia, ele teria participado de uma vigília pascal, depois de ser impelido pelo celebrante de fazer a confissão e inscrever-se na categoria dos pecadores, no lugar dos penitentes. Diante dessas prerrogativas, ele obedeceu e

¹⁰ Cf. SORDI, M. *I cristiani e l'impero romano*. Milano, 1983, 100.

¹¹ *HE*, VI,28.

¹² Cf. ORÍGENES. *Contra Celso*, III,15. São Paulo, 2004.

ter-se-ia submetido de bom grado, mostrando, pelas ações, a sinceridade e a piedade de suas disposições no temor de Deus¹³. Com esse tempo de paz, os cristãos imaginavam as perseguições como algo do passado.

No entanto, elas vieram com toda a força no reinado de Décio¹⁴. Na realidade, este imperador não queria fazer vítimas mas apóstatas, porque todos os cidadãos romanos deveriam fazer uma súplica (*supplicatio*) aos deuses públicos (*dei publici*) e, sem mencionar os cristãos, ele os atingiu na sua totalidade. Foi de fato o primeiro edito geral contra os cristãos¹⁵. Ele provocou uma confusão entre as pessoas, porque todos deveriam sacrificar; todos eram obrigados a se apresentar diante da autoridade. Deve dizer-se que, antes da perseguição geral, havia um mal-estar nas grandes cidades do Império por causa de seus dirigentes, sobretudo as classes mais conservadoras, a senatorial e a dos pretorianos, com a tolerância imperial em relação aos cristãos, fator que vinha se consolidando nas primeiras décadas do século III.

O fato é que Décio sobe ao trono, na tentativa de abafar as inquietações de muitos em ver o Império caminhar para a ascensão do cristianismo. Dessa forma, o seu edito aparecerá como solução, pelo menos provisória, com o intuito de retardar a religião cristã que se tornou com o tempo a religião principal. No entanto, com a perseguição, Décio não nomeava os cristãos, mas ele solicitava a todos os cidadãos do Império sacrifícios aos deuses. É evidente que o seu edito atingia os cristãos, porque os colocava sob a acusação em todo o Império. Numerosas foram as defecções entre os cristãos. Muitos realizaram o sacrifício exigido (*sacrificati*), enquanto outros queimaram grãos de incenso (*thurificati*); outros compraram os libelos (*libellatici*) e outros

¹³ Cf. *HE*, VI, 34.

¹⁴ Ele governou o Império de 249 até 251.

¹⁵ SINISCALCO P., *Décio*. In *DPAC*, 385.

ainda se mantiveram firmes na fé e foram mortos¹⁶. Décio queria ganhar a opinião pública e a do Senado que se manifestara contrário à política religiosa de Filipe e a tolerância severiana, porque estes, segundo ele, tinham encaminhado o Império rumo ao cristianismo. O próprio Eusébio de Cesaréia teve presentes estes pontos: “Filipe reinou por sete anos e teve Décio como sucessor”¹⁷. Este, como odiava Filipe, suscitou contra as Igrejas uma perseguição, no decurso da qual Fabiano consumou em Roma o martírio, e Cornélio sucedeu-lhe no episcopado¹⁸.

Logo após o reinado de Décio, subiu ao trono Valeriano. Os cristãos viverão alguns anos de paz sob o seu reinado; o próprio Eusébio de Cesaréia afirma que ele simpatizava com os cristãos: “Principalmente considere-se a atitude primitiva, como era amável e benévolo para com os servos de Deus. Efetivamente, nenhum dos imperadores precedentes fora tão bem disposto e acolhedor para com eles; até mesmo os imperadores de que se dizia terem abertamente se tornado cristãos não os atendia com a intimidade e amizade manifestas que Valeriano inicialmente demonstrou, pois a sua corte se enchia de homens piedosos e era uma Igreja de Deus”¹⁹. Com o passar dos anos, ele mudou de idéia, persuadido pela insistência de seu mestre, o chefe da sinagoga, Macrino, como nos relata Eusébio de Cesaréia, que deveria perseguir os cristãos²⁰. Dessa forma, ele realizou uma das mais ferozes perseguições, referentes, não só contra a religião cristã, mas sobretudo contra a Igreja. Ele tentou desestruturar a organização eclesial em si mesma. Essa mudança de atitude talvez se justifica por dois pontos fundamentais: primeiro, o povo vivia uma situação difícil, as pestes eram freqüentes, pelas dizimações de populações, catástrofes naturais e militares, e distúrbios popu-

¹⁶ *Idem*, 385.

¹⁷ Cf. *HE* VI, 30.

¹⁸ Cf. *HE* VI,30,1.

¹⁹ Cf. *HE* VII, 10,3.

²⁰ Cf. *HE* VII,10,4.

lares na vida do Império. Os cristãos eram acusados de serem os culpados por tal situação, porque eles renegavam os deuses e atraíam sobre si toda a maldição, gritava a “superstição popular”. Segundo: um temor pairava no ar, cada vez mais forte, no sentido de que o Império poderia tornar-se cristão, seja nas suas lideranças, seja nas classes populares. Dessa forma, a saída foi a perseguição, retomando-se a idade arcaica, que identificava o Estado com os deuses e na qual ligavam-se o Estado e a religião. Os cristãos passaram por momentos difíceis, como o historiador Eusébio relatou: “Empenhou-se em matar e perseguir os homens inócuos e santos, quais adversários e obstáculos a seus encantamentos infames e abomináveis”²¹.

Após a morte de Valeriano, subiu ao trono o seu filho Galiano, sendo mais prudente que o seu pai. No final do século, os cristãos viverão mais um tempo de paz, após a morte de Aureliano. Quando Diocleciano assumiu o comando do Império, reorganizou-o, possibilitando um acesso livre às pessoas, incentivando a agricultura, a construção de estradas, a vida familiar e social. Quanto à organização estatal, ele previa a subdivisão em quatro soberanos (dois de grau superior, os Augustos, e dois de grau inferior, os Césares)²². No entanto, com o passar dos anos, ele, como Valeriano, mudou de idéia em relação aos cristãos. A sua perseguição foi a última ação sistemática e cruenta contra os cristãos na história imperial romana²³. Eusébio de Cesaréia fala-nos que no décimo nono ano do reinado de Diocleciano foram fixados, em toda a parte, editos imperiais que ordenavam arrasar as igrejas e lançar as Escrituras ao fogo²⁴. O historiador continua dizendo: “Nós vimos essas coisas efetivamente em nossa época, quando vimos com nossos próprios olhos as casas de oração

²¹ HE VII, 10,4.

²² PATRUCCO, M.F. *Diocleciano Imperador*. In DPAC, 407.

²³ *Idem*, 408.

²⁴ Cf. HE VIII, 2,4.

completamente arrasadas, de alto a baixo, as Escrituras divinas e sagradas serem entregues ao fogo no meio das praças públicas, os pastores das Igrejas dissimulando-se vergonhosamente aqui e ali ou capturados ignominiosamente e insultados pelos inimigos”²⁵.

O historiador eclesiástico, que viveu nesse tempo, assevera também que, se muitos chefes das Igrejas suportaram corajosamente terríveis sofrimentos e ofereceram o espetáculo de grandes combates, outros renegaram a sua fé, como acontecera na perseguição de Décio, o caso dos *lapsi*. Aqueles que foram fiéis a Cristo até ao fim sofreram flagelos e torturas como as unhas de ferro; porém, eles enfrentaram o combate em vista da fidelidade ao Evangelho. Como Tertuliano já dissera, no início do século II, o sangue dos mártires é semente de novos cristãos²⁶, Eusébio não nega que muitas pessoas se convertiam ao verem os fatos e até entre o exército: “Grande número de soldados do reino de Cristo preferiu, sem demora nem hesitação, a confissão de Cristo à glória aparente e à situação honrosa”²⁷. Eusébio não deixa de relatar que em tais combates brilharam em toda a parte os magníficos mártires de Cristo sendo testemunhas corajosas. Eles apresentaram provas do poder verdadeiramente divino de nosso Salvador Jesus Cristo. Uma menção deles seria longa, façanha impossível²⁸.

2 A comunidade eclesial, o desenvolvimento da paz, da teologia e da cristologia

A igreja viveu, no III século, tempos de paz, tolerância e de perseguição. Ela teve que enfrentar problemas externos, como

²⁵ HE VIII, 2,1.

²⁶ *Semen est sanguis Christianorum*. TERTULLIANO. *Apologetico*, 50,13, a cura di A.R. BARRILE. Bologna, 1992, 178-179.

²⁷ HE VIII, 4,3.

²⁸ Cf. HE VIII, 12,11.

a desorganização da comunidade, fruto das perseguições, e internos, como a questão do rigorismo de Novaciano e dos *lapsi*. Externamente as perseguições jogavam a Igreja na dissipação das comunidades e de seus integrantes: o sangue de muitas pessoas escorria por terra. Porém, um fator positivo provinha da mesma: o fortalecimento da fé dos discípulos de Cristo, porque tudo era retomado com maior vigor no tempo seguinte. Nesse clima, a paz era misturada com insegurança. Ora, os cristãos estavam se tornando um povo com maior número de adesões; um temor pairava no ar: o Império poderia tornar-se cristão? Como vimos acima, as perseguições vieram para acalmar a fúria da classe dirigente e o mal-estar do povo pagão em geral. Porém, os cristãos não deixaram de constituir comunidades, edificar igrejas, e grande era o amor pela construção da paz. Internamente, a Igreja teve que enfrentar o problema dos *lapsi*, isto é, daqueles e daquelas que renegaram a sua fé em Cristo, por ocasião da perseguição de Décio. O que fazer com toda aquela multidão de fiéis que desejava logo a reconciliação com a Igreja e assim receber a comunhão? Cipriano, Bispo de Cartago, lançou um livro importante nesse tempo: *De Lapsis*. Se, no início de sua obra, ele afirma que a paz foi novamente restabelecida à Igreja, proporcionando a segurança e o amparo de Deus a todos, porque a perseguição se diluiu como as nuvens, ele também reconhecia o louvor dado a Deus pelos seus benefícios, mesmo com as perseguições²⁹. Mas a alegria logo dá lugar à tristeza, porque muitos não foram fiéis à sua fé em Cristo diante das autoridades: “Ocorrem mais lágrimas que palavras para exprimir a dor e lamentar o estrago que sofreu o nosso corpo, para chorar a ruína que atingiu em mais partes o nosso povo, uma vez numeroso”³⁰. Ele reconhece, com dor, por parte do fiel, a negação da fé, e uma vergonha, porque dá a im-

²⁹ CIPRIANO. *Gli Apostati*. I, In Opere di Cipriano a cura de Giovanni TO-SO, Torino, 1980.

³⁰ *Idem*, IV.

pressão de que alguns esqueceram tudo a respeito dos ensinamentos cristãos e não lembram mais nada. Nem esperaram ser presos para logo sacrificar e nem esperaram ser interrogados para manifestar a sua opinião e fé; eles foram logo vencidos, antes de combater em favor de algo maior. Cipriano coloca a justificativa de alguns terem agido assim, inclusive a ação de alguns presbíteros. Ele diz: “Todos procuravam o aumento do próprio patrimônio e esqueceram que coisa os fiéis fizeram uma vez, no tempo dos apóstolos, ou aquilo que se deveria sempre fazer. Preocupavam-se com uma avidez insaciável de aumentar os próprios bens. Eram influenciados por uma ganância e por uma vontade insaciável por dinheiro. Nos sacerdotes faltava a sincera piedade, o empenho constante no ministério, a misericórdia nas obras e a disciplina nos costumes”³¹. A questão dos *lapsi* será resolvida em diversos Sínodos realizados, após a perseguição de Décio, em Cartago, onde a Igreja assumiu uma posição penitencial; todos eram obrigados a assumir uma atitude de perdão diante da apostasia assumida. Cipriano insistia em que todos deveriam submeter-se a uma penitência, confissão pública da culpa na comunidade, com a imposição das mãos do bispo e do clero como sinal de reconciliação, para que assim pudessem receber novamente a eucaristia³². Cipriano também diz que somente em caso de doença, ou mesmo prestes a morrer, a penitência poderia ser concedida por um sacerdote e, na sua falta, por um diácono³³. Em uma longa carta, o clero de Roma aprovava as decisões de Cipriano, assumidas também pelos bispos da região de Cartago. Esta diz: “Dado que todo o mistério da fé se reassume na confissão do nome de Cristo, quem procura falsos pretextos para esconder-se renega Cristo; quem quer que seja que obedeceu às iniciativas contra o Evangelho ou às leis e editos semelhantes, com esta sua

³¹ *Ibidem*, VI.

³² Let. 15,1 in *Opere di Cipriano a cura de Giovanni TOSO*, 473.

³³ Let. 18,1 *Idem*, 480.

simples tentativa ele já renegou a sua fé. (...)Mesmo aquele que manchou as mãos e a sua boca participando dos sacrifícios, após ter manchado a própria alma; de fato é da impureza da alma que se mancham as mãos e a boca”³⁴. Ainda que houvesse uma posição severa em relação aos *lapsi*, eles não tinham sido abandonados. Cipriano, diversamente de Novaciano, que não admitia nenhuma reconciliação com os *lapsi*”, reconhecia que os caídos estão gravemente doentes, mas eles não estão de todo mortos. Deve-se oferecer a ajuda e o nosso remédio a quem está ferido³⁵. Dionísio, bispo de Alexandria, recusará a posição de Novaciano pela sua inadmissibilidade em relação à volta de todos aqueles que recusaram a fé em Cristo³⁶.

Essa época merece uma análise mais aprofundada, porque é a elaboração da teologia e da cristologia, através das figuras de Tertuliano e Orígenes. Além de darem as primeiras bases do ensino teológico e cristológico, eles descreveram ações das comunidades e o desenvolvimento da paz. Tertuliano dá uma descrição da vivência dos cristãos, tendo presente a concepção dos pagãos como uma seita³⁷. Ele afirmava que os cristãos constituíam um só organismo, nutrido por uma única fé, uma única disciplina e uma sólida esperança em Deus³⁸. A atuação dos cristãos, segundo Tertuliano, dava vida nova às comunidades e ao mundo, porque eles realizavam coisas neste mundo para o bem; eles se reuniam em nome de Deus, rezavam pelas autoridades, pelos imperadores, pelas coisas do mundo, para que a morte do universo se afaste e para que a paz no mundo seja uma realidade. Notamos também que o cristão era uma pessoa em busca de paz. A Palavra de Deus era a luz que iluminava os passos das pessoas, não só nas suas idéias mas na prática de boas ações. É importante em

³⁴ Let. 30,3.

³⁵ Let. 55,16.

³⁶ HE. VIII, 8.

³⁷ Cf. Tert. Apol. XXXIX,1.

³⁸ Cf. Idem, XXXIX,2.

Tertuliano a análise da caridade vivida pelos cristãos: “Temos entre nós uma espécie de caixa comum (*arcae genus*). Cada um traz, quando quer e tenha condições, a sua modesta contribuição mensal; e cada um a oferece espontaneamente; ninguém é obrigado a fazê-la. São estes os depósitos da comum piedade (*deposita pietatis sunt*). Esse dinheiro não é usado para banquetes, bebidas, mas para dar alimento aos necessitados, para socorrer meninos e meninas, privados de sustentação e dos pais, e também os idosos e náufragos. Além disso, a nossa comunidade socorre em nome da religião os condenados, os deportados nas prisões”³⁹. Justamente esse afeto fraterno bem solícito para com o outro, e sobretudo para com os mais pobres, atraía a atenção de muitos pagãos: “Vede como eles se amam”⁴⁰. O amor visava a construção das obras; o testemunho de vida cristã encantava a todos. Os cristãos se amam entre si e por isso eles buscam condições de paz: não responder à violência e cultivar os valores, formas de vida em favor da paz. Tertuliano tem presente a finalidade das reuniões, não para tramar a condenação de alguém, mas para fazer o bem: “Unidos, como separados, somos sempre os mesmos; assim todos juntos, como sozinhos, a ninguém fazemos o mal, a ninguém supliquemos ruínas para as pessoas. Quando homens bons e virtuosos se reúnem, quando homens castos e piedosos se encontram juntos, não é justo falar de facção, mas de cuidado e de amor”⁴¹.

O autor africano afirma também que os cristãos estão presentes em toda a parte, visão totalmente contrária àquela referente aos pagãos de que eles não participavam em nenhuma atividade pública: “Somos de ontem e, no entanto, temos invadido toda a terra e os vossos domínios; as cidades, as ilhas, as rochas, os municípios, as vilas, os acampamentos, as tribos, as cúrias, a co-

³⁹ *Ibidem*, XXXIX, 5.

⁴⁰ *Ibidem*, XXXIX,7; Vide, inquit, ut invicem se diligant.

⁴¹ *Ibidem*, XXXIX,21.

orte, o senado, o foro⁴². Percebemos a vida dos cristãos como um elo de união entre as pessoas e comunidades. Por isso mesmo, esse autor africano fala da presença ativa dos cristãos em meio à sociedade. Eles se nutrem, se vestem e possuem as mesmas exigências de vida que os pagãos. Ele fala também da busca incessante de agradar a Deus, Senhor e Criador de todas as coisas, de modo que os cristãos procuram fazer bom uso das obras criadas. Dessa forma, a vida dos cristãos não é dirigida à desintegração, mas à participação social; eles não procuram evitar o mercado, as oficinas, os banhos, o comércio e todos os outros lugares; mas eles (os cristãos) vivem no mundo junto com eles. Os cristãos procuram cultivar a terra e vender os frutos do seu trabalho e colocá-los à disposição dos pagãos⁴³. Essa presença ativa era também numerosa entre os soldados, os quais convertiam-se ao cristianismo. Tertuliano tem presente que os cristãos lutam pelo bem de todos, ainda que sejam perseguidos, porque eles obedecem a uma lei superior, à Palavra de Deus que os chama a uma vida integral⁴⁴.

Outro autor importante do III século foi Orígenes, exegeta e teólogo; ele, como Tertuliano, defendeu os cristãos, sobretudo contra as críticas provenientes de autores pagãos. No final do II século, Celso, filósofo neoplatônico, criticou os cristãos pela sua ausência nas celebrações públicas, cultos, e na defesa do Império, através do serviço militar. Esse autor alexandrino afirmou que a doutrina cristã está espalhada em toda a parte; em pouco tempo, ela ganhou proporções gigantescas, tendo como característica a reconciliação, a paz entre as pessoas e os povos. Ele realça que os cristãos se dedicaram ao culto de Deus, por obra de Jesus Cristo, sendo essa obra mais que humana, porque Jesus ensinou com toda a autoridade e persuasão; a sua palavra tornou-se

⁴² *Ibidem*, XXXVIII,4.

⁴³ *Ibidem*, XLII, 1-3.

⁴⁴ *Ibidem*, XXXVII, 4-5.

sempre forte em seus discípulos. Eis a razão pela qual os discípulos de Jesus, homens ignorantes em relação à filosofia grega, visitaram muitas regiões da terra, despertando nos seus ouvintes as disposições requeridas pelo Verbo. O alexandrino afirma que os ouvintes, que entram em contacto com os discípulos, segundo o seu livre-arbítrio, tornaram-se homens melhores, porque seguem o Evangelho de Cristo⁴⁵. A conversão ocorreu para estes, ao perceberem a novidade trazida à humanidade, porque Deus estava presente em Jesus Cristo no anúncio do Reino e na realização dos milagres. Assim muitas pessoas não teriam abandonado suas crenças ancestrais, se não tivessem aceitado os ensinamentos transmitidos pelos discípulos.

A doutrina cristã transformou a vida de muitas pessoas, segundo Orígenes, pelo fato de que muitos passaram do ódio à doutrina, com a resolução de morrer por ela. Esse autor fala também que ele poderia citar diversos nomes. Porém, a lista tornar-se-ia longa, de modo que a sua análise já é suficiente para dizer que o cristianismo deu possibilidades de vida nova a muitas pessoas. O cristianismo trouxe alegria, paz, porque esses valores faziam parte da doutrina ligada a Cristo⁴⁶.

Orígenes percebeu que o próprio Jesus Cristo também fora expulso da comunidade pelos falsos testemunhos, mas tais malícias não possuem fundamento. O autor alexandrino falou dessa forma, para defender os cristãos de delitos não cometidos, como já Tertuliano o fizera em relação ao ateísmo, canibalismo e incesto. Ele se expressa assim: “E ele, ainda hoje, continua calado diante desses ataques e nada responde com sua própria voz; mas encontra sua defesa na vida de seus verdadeiros discípulos, testemunho admirável dos fatos reais, que vence toda espécie de calúnia, refuta e derruba os falsos testemunhos e as acusações”⁴⁷.

⁴⁵ ORÍGENES. *Contra Celso*. São Paulo, 2004, VI, 2.

⁴⁶ *Idem*.

⁴⁷ Prefácio.

Como ele foi acusado e condenado pelas autoridades, assim também os seus discípulos deverão passar pelo mesmo caminho, a cruz, o sofrimento, as acusações falsas.

Orígenes fazia originar dos demônios as perseguições, porque estes se servem das pessoas para perseguir as pessoas de bem; porém, eles foram vencidos pelo poder de Cristo. No momento em que Deus quis que a doutrina de Jesus estivesse presente entre os homens, eles perderam todo poder, embora tivessem abalado todas as influências para que os cristãos fossem aniquilados. Todos os poderes deste mundo, compreendidos os reis, o senado, os governadores e o próprio povo, moveram-se contra o *Lógos* e aqueles que creram nele; no entanto, a Palavra de Deus permitia uma atuação mais forte que todos eles, e, apesar dos obstáculos, eles os transformaram em alimento para crescer, de modo que o seguimento a Jesus Cristo prosseguiu a sua marcha alcançando sempre mais pessoas, pois tal fato constitui a vontade de Deus⁴⁸. Orígenes reconhece que aqueles que acolheram os ensinamentos de Cristo a respeito da paz, perdão, reconciliação, são odiados, correndo o perigo de morte; no entanto, eles devem ser firmes na fé e nos ensinamentos do Senhor até ao fim⁴⁹.

⁴⁸ *Contra Celso*, IV, 32.

⁴⁹ Cf. *I Principi di Origene*, IV, 1,1, a cura di Manlio SIMONETTI. Torino, 1968.